

A PALAVRA DE DEUS NA VIDA E NA MISSÃO DA IGREJA

(The Word of God in the life and the mission of the Church)

*Dom Eugênio Rixen **

Tive a oportunidade de participar do XII Sínodo dos Bispos em Roma, de 5 a 26 de outubro de 2008. Os sínodos foram realizados após o Concílio Vaticano II, para ajudar o Santo Padre na sua missão pastoral, e como testemunho fraterno entre os bispos do mundo inteiro em comunhão com o papa.

1. A preparação do Sínodo

Durante o ano de 2007, recebemos da Santa Sé um documento chamado “*Lineamenta*”, com várias reflexões sobre a “Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. Estes textos continham várias perguntas, às quais cada Conferência Episcopal era convidada a responder. Os assessores da Comissão Bíblico-Catequética da CNBB sintetizaram as respostas que vieram das dioceses, de grupos e mesmo de pessoas em particular.

Alguns meses depois recebemos o *Instrumento Laboris*, que trazia um novo texto elaborado com as sugestões enviadas por vários grupos. Este documento tem três partes: A primeira parte trata do “Mistério de Deus

* Artigo submetido a avaliação no dia 06/05/2009 e aprovado para publicação no dia 30/06/2009.

que nos fala”; a segunda: “A Palavra de Deus na vida da Igreja” e a terceira: “A Palavra de Deus na missão da Igreja”.

Na Assembleia dos Bispos em Itaiaci (Indaiatuba, SP), de 2 a 11 de abril de 2008, foram escolhidos por votação os quatro delegados para participar do Sínodo: Dom Geraldo Lyrio Rocha, arcebispo de Mariana (MG) e presidente da CNBB; Dom Walmor Oliveira de Azevedo, arcebispo de Belo Horizonte (MG), presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé; Dom Joviano de Lima Júnior, arcebispo de Ribeirão Preto (SP), presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, e Dom Eugênio Rixen, bispo de Goiás e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética. Além destes quatro, a Santa Sé escolheu: Dom Raymundo Damasceno Assis, arcebispo de Aparecida (SP), presidente do CELAM, Dom Odilo Pedro Scherer, arcebispo de São Paulo (SP) e Dom Filippo Santoro, bispo de Petrópolis (RJ). Participaram também como auditores designados pela Santa Sé: Moysés Azevedo, do Movimento Shalom e o Pe. Luiz Ari, presbítero de Santo Amaro (SP), além de dois peritos: o Pe. Johan Konings SJ, e o Pe. Luís Henrique da Silva.

2. Os participantes do Sínodo

Havia 253 Padres sinodais, dos quais 51 eram da África, 62 da América, 41 da Ásia, 90 da Europa e 9 da Ásia. 173 foram eleitos pelas Conferências Episcopais, 38 faziam parte *ex officio*, 32 foram escolhidos pelo Santo Padre, e 10 designados pela União dos Superiores Gerais. Todos tinham direito de dar sua opinião em plenário através de uma exposição de cinco minutos. No final do dia, havia uma hora para intervenções livres.

Bento XVI participou da maioria das Assembleias Gerais, escutando as preocupações dos Padres sinodais. No final o Sínodo publicou uma mensagem, enquanto os Padres sinodais entregavam ao Santo Padre mais de cinquenta propostas para a redação da Exortação pós-sinodal.

3. Algumas preocupações dos Padres sinodais a respeito da catequese

Evidentemente, não é possível falar de todos os aspectos que foram abordados na sala do Sínodo pelos Padres sinodais; só abordarei alguns pela sua relevância ou pelo meu próprio interesse.

Vários bispos, especialmente da África e da América Latina, falaram da **catequese** e da sua importância no anúncio da Palavra. Comentou-se que

a catequese precisa estar enraizada na revelação cristã. Deve ter como modelo a pedagogia de Jesus no caminho de Emaús: acompanhar os catecúmenos e partilhar suas vidas; revelar a eles o plano de Deus através da leitura da Sagrada Escritura; promover o encontro com o Senhor através da eucaristia; integrá-los numa comunidade, espaço do encontro permanente com Cristo.

O **querigma** deve ocupar o primeiro lugar na iniciação cristã como anúncio da fé pascal. A entrada na comunhão com Cristo se realiza através do batismo, da crisma e da eucaristia.

O **catecumenato pré-batismal** é seguido da mistagogia pós-batismal, uma formação contínua na qual a Sagrada Escritura e o catecumenato da Igreja Católica devem ter um lugar central.

A catequese paroquial adequada é somente aquela cujo **ponto de partida é a Bíblia** e que leva a sua compreensão.

A mensagem final do Sínodo agradece o **trabalho pastoral dos catequistas** com as seguintes palavras: “Nosso olhar se volta com afeição para todos aqueles que estudam, os catequistas e os outros servidores da Palavra de Deus para lhes expressar nossa intensa e cordial gratidão pelo serviço tão precioso e tão importante” (conclusão do texto).

Ela recomenda ainda o seguinte: “A família deverá propor formas e modelos de educação orante, catequética e didática sobre o uso das Escrituras, para que os rapazes e moças, os idosos com as crianças (Sl 148,12) escutem, compreendam, louvem e vivam a Palavra de Deus. Em particular, as novas gerações, as crianças e os jovens, deverão ser destinatários de uma pedagogia apropriada e específica que as conduzam a experimentar a fascinação da figura de Cristo, abrindo as portas de sua inteligência e do seu coração, também pelo encontro e o testemunho autêntico de adultos, da influência positiva de amigos e do acompanhamento da comunidade eclesial” (nº 12).

4. Algumas reflexões

Pretendo colocar algumas reflexões que mais me tocaram, sabendo que outros farão sínteses mais qualificadas.

(a) Não somos a religião de um livro, como o islamismo. Para nós, **a Bíblia é Palavra de Deus**. Ela deve ajudar a encontrar o próprio Deus revelado plenamente em Jesus Cristo. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, disse Jesus.

(b) Diante da Palavra de Deus, **a primeira atitude é de escuta**, a exemplo de Jesus no caminho de Emaús. Ele ouviu o sofrimento dos discípulos e

partilhou as angústias deles. Só depois iluminou com palavras da Sagrada Escritura as incompreensões e decepções que eles tinham. Após esta longa caminhada, reconheceram o Ressuscitado na fração do pão e partiram ao encontro dos irmãos (Lc 24,13-32). Toda catequese começa pelo ouvir, a exemplo de Deus que escutou o clamor do seu povo (Ex 3,7).

(c) A Palavra de Deus deve permear o conjunto das atividades pastorais. Fala-se da **animação bíblica de toda a pastoral** para indicar que a Sagrada Escritura orienta todas as atividades evangelizadoras.

(d) Só o **Espírito Santo** é capaz de nos ajudar a entender plenamente a Palavra de Deus. A atitude dos Exegetas e do Magistério da Igreja deve ser de humildade diante dela. As Comunidades Eclesiais de Base leem a Bíblia a partir da vida, como o fazia Jesus na sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres...” (Lc 4,18). Quanto mais as pessoas vivem o Evangelho, mais elas são capazes de entender as Sagradas Escrituras.

(e) O anúncio e a vivência da Palavra de Deus têm uma **força profética**. Muitos morreram por causa da sua fidelidade ao projeto do Pai. Na América Latina, mas também na África, no Oriente Médio e na Ásia, muitos homens e mulheres continuam derramando seu sangue por causa da sua fidelidade ao Evangelho.

(f) **Os pobres são os primeiros destinatários da Palavra** e o seu melhor protagonista. Pela própria situação deles e pelo fato de que Jesus se fez pobre no meio dos pobres, eles vivem mais em sintonia com a mensagem contida nas Sagradas Escrituras.

(g) **O anúncio do querigma** é fundamental para a missão da Igreja. Sem o querigma, a religião cristã se torna facilmente uma moral ou uma ideologia.

(h) A Bíblia deve ajudar as pessoas a encontrarem **um sentido na vida**. São os pequenos que nos ajudam a entender a Palavra: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21). A oração a partir da Palavra nos aproxima dos pobres. Ela nos humaniza. Quando estamos próximos deles, estamos próximos de Cristo.

(i) A Palavra de Deus deve ser lida como uma **carta de amor** de Deus para conosco.

(j) A **teologia da prosperidade** é uma manipulação da Bíblia.

(k) A **análise histórico-crítica** ou científica da Bíblia é muito importante para uma verdadeira interpretação dos textos. Sem ela cai-se facilmente no fundamentalismo e no subjetivismo, fazendo dizer dos escritos qualquer coisa. Mas esta leitura não é suficiente. O sentido espiritual dos textos, principalmente a partir dos Padres da Igreja e dos Santos é de muita riqueza para descobrir o sentido profundo da mensagem transmitida pela Bíblia.

(l) A **leitura orante da Bíblia**, com seus quatro momentos: leitura, meditação, oração e contemplação, ajuda muito para um encontro pessoal com Cristo e para transformar a Palavra em vida e em oração.

(m) A **memorização de frases** ou pequenos trechos da Bíblia ajuda muito para conformar a vida das pessoas ao projeto do Pai.

(n) Nas celebrações eucarísticas a **Liturgia da Palavra precisa ser mais valorizada**. A mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia constituem uma unidade. Uma conduz à outra. A homilia tem que ser bem bíblica e atualizar no hoje da vida das pessoas a mensagem contida na Sagrada Escritura. O pregador fala mais através do seu testemunho de vida do que através das suas palavras.

5. A mensagem final do Sínodo

Esta mensagem tem quatro partes e traduz muito bem as preocupações dos Padres sinodais no decorrer do Sínodo.

A voz da Palavra: a Revelação

Deus nos fala através da **criação**. Aliás, tudo foi criado pela sua Palavra. “No começo era o Verbo e o Verbo era Deus... Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1.3). Temos uma primeira revelação “cósmica” que faz com que toda a humanidade possa ler a mensagem do Criador.

A Palavra de Deus está também na origem da **história humana**. Fomos criados à “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,27). Deus não está indiferente aos acontecimentos da vida do ser humano: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo... Ouvi o seu clamor... pois eu conheço as suas angústias” (Ex 3,7), disse Deus a Moisés.

As **Sagradas Escrituras** são o “testemunho” escrito da Palavra divina. No entanto, nossa fé não tem simplesmente no seu centro um livro, mas uma história da salvação e principalmente uma Pessoa, Jesus Cristo, Palavra de Deus feita carne. A Palavra de Deus vai além da Escritura, pois nasce na tradição de um povo antes de ser colocada num livro. A Igreja, com a ajuda do Espírito Santo, tem através do seu Magistério o dever de interpretar com autenticidade a Bíblia.

O rosto da Palavra: Jesus Cristo

“**O Verbo se fez carne e habitou entre nós**” (Jo 1,14). Jesus assumiu nossa condição humana em tudo, sem perder a sua divindade. Ele não é uma figura mítica, mas uma pessoa com carne frágil e mortal. Ele fez parte da nossa história.

A vida que ele levou e as palavras que ele disse são marcadas pelo **contexto histórico** no qual viveu. Por isso, a Bíblia é Palavra de Deus, mas escrita em linguagem humana (cf. DV 13).

Uma boa interpretação da Bíblia necessita uma **análise histórica e literária**, se não quisermos cair num fundamentalismo que nega a encarnação da Palavra divina na história.

No entanto, este tipo de análise não basta. **A Bíblia é Palavra de Deus**. Uma **leitura espiritual** nos ajuda a descobrir o sentido profundo do texto. Os escritos dos Padres da Igreja e os Santos podem nos ajudar muito neste tipo de compreensão.

O conhecimento da Bíblia não é em primeiro lugar **uma decisão ética** ou **uma grande ideia**, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e orienta para uma decisão definitiva.

A Casa da Palavra: a Igreja

A Igreja tem como missão anunciar a Palavra. São Paulo disse: “A fé nasce da escuta e a escuta se refere à Palavra de Cristo” (Rm 10,17).

O primeiro passo deste anúncio é a **proclamação do querigma**: “O tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). A morte e a ressurreição de Jesus dão sentido a toda a vida dele.

Depois vem a **catequese** para aprofundar a proposta do mistério de Cristo à luz da sua Palavra para que todo o ser humano seja impregnado por Ele. “Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim” (Gl 2,20).

Mas o ponto alto da pregação é a **homilia** onde a Palavra é proclamada e atualizada na vida do povo.

Existe uma profunda unidade entre a **mesa da Palavra** e a **mesa da Eucaristia**.

As orações, especialmente a **Liturgia das Horas** e a **Lectio Divina** abrem aos fiéis o tesouro da Palavra de Deus e favorecem o encontro com Cristo, Palavra divina e viva.

Maria é o modelo de acolhida da Palavra: “Ela guardava cuidadosamente todas estes acontecimentos e os meditava em seu coração” (Lc 2,19).

A Igreja, casa da Palavra, une profundamente a **Palavra com a caridade**. Para ser discípulo e discípula de Jesus, precisamos escutar a Palavra e colocá-la em prática (cf. Lc 8,21). Dos primeiros cristãos se dizia: “Vejam como eles se amam”. É o amor que concretiza e dá credibilidade às Sagradas Escrituras.

Os caminhos da Palavra: a missão

O Cristo ressuscitado disse aos Apóstolos, ainda amedrontados pela sua morte: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos... e ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,19-20).

A voz da Palavra precisa hoje ressoar através do rádio, da televisão, da internet, do cinema e ainda em outros meios de comunicação. Outro caminho pelo qual precisa ser transmitida a fé é a **família**. Cada uma deveria ter a Bíblia num lugar de destaque da casa. A fé deve também ser **encarnada na história**, a exemplo de Jesus. O carpinteiro de Nazaré sentiu o medo de morrer, experimentou a solidão, o abandono e a traição dos seus amigos, penetrou na escuridão mais cruel diante da morte. Para nós, ainda hoje Jesus diz: “Vinde a mim todos vós que estais cansados sob o peso do vosso fardo, e eu vos darei descanso” (Mt 11,28).

Nos caminhos do mundo, a Palavra divina faz nascer para nós cristãos um encontro intenso com o **povo judeu**, ao qual somos intimamente ligados pelo reconhecimento e o amor comuns das Escrituras do Antigo Testamento.

O cristão é chamado a entrar em contato com as riquezas das outras religiões, sem cair no sincretismo, e a respeitar todos aqueles que procuram a Deus com um coração sincero.

6. Conclusão

O Sínodo foi uma experiência muito interessante pela riqueza da presença daqueles que nele participaram. Permitiu contatos com pessoas de outros continentes que vivem realidades bem diferentes. A leitura da Palavra de Deus aproxima cristãos de várias expressões religiosas, seguindo o pedido de Jesus: “Pai, que todos sejam um!” (Jo 17,20).

Senti, no entanto, que se falou pouco da **leitura que o povo simples** faz da Bíblia nas suas comunidades e que traz tanta riqueza na interpretação da Palavra de Deus. Apesar da insistência de alguns bispos da África e da América Latina, este assunto está praticamente ausente na Mensagem do Sínodo e pouco presente nas proposições que os Padres sinodais formularam e que foram entregues ao Santo Padre.

O Sínodo poderia também ter avançado mais na **questão dos ministérios**. Houve uma proposta para que as mulheres também pudessem receber o ministério do leitorato, porque até agora ele só pode ser dado aos homens. Nossa prática, no entanto, indica que são, na grande maioria, as mulheres que sustentam nossas comunidades eclesiais de base, que participam das

nossas celebrações e que coordenam grupos de catequese. Por que não instituir o Ministério da Palavra para homens e mulheres, reconhecendo assim oficialmente o serviço que prestam à Igreja?

Acho também que a própria **dinâmica do Sínodo** poderia ser melhorada. Há muitas repetições e poucos debates sobre questões que merecem ser mais amadurecidas. Os redatores dos textos-sínteses têm muito poder sobre o que entra ou não no texto final. Nossa prática da CNBB é mais cansativa, mas mais democrática, porque procura inserir no texto a grande maioria das emendas formuladas pelos participantes.

Agradeço a Deus por ter participado deste grande evento eclesial. Tenho a certeza de que a leitura da Bíblia vai suscitar um novo entusiasmo para a prática das famílias e das comunidades. Que a Liturgia da Palavra ajude nosso povo a descobrir a vontade de Deus no dia-a-dia de suas vidas!

Dom Eugênio Rixen graduou-se em filosofia em Saint-Truiden (Bélgica, 1966) e em teologia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica, 1970), onde obteve a licença em Ciências Morais e Religiosas. Especializou-se em catequese de crianças e jovens no Instituto Superior de Pastoral e Catequese de Paris (França, 1972). É Bispo de Goiás (GO) desde 1998, e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB.

Endereço: Caixa Postal 05
76600-000 *Goiás* – GO
e-mail: diocesedegoias@cultura.com.br